

**AS CARTAS COMO MANIFESTO DE RESISTÊNCIA: ANÁLISE DA ESCRITA DE SI NO ROMANCE A COR PÚRPURA, DE ALICE WALKER****LETTERS AS A MANIFEST OF RESISTANCE: ANALYSIS OF THE WRITING OF THE SELF IN THE NOVEL THE COLOR PURPLE, BY ALICE WALKER**

Zenon Henrique Ajala Moreira

Mestrando em Estudos Literários e Interculturalidade no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG)

[ajalazenon@gmail.com](mailto:ajalazenon@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/297973269880665>

<https://orcid.org/0009-0006-7150-6852>

Islara Floriana Mendes

Doutoranda em Literatura pela Universidade de Brasília - UNB

[mendes.islara@gmail.com](mailto:mendes.islara@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/1713477611257811>

<https://orcid.org/0000-0003-0747-966X>

---

**Resumo:** Pautado na linguagem, sociedade e interação este estudo consiste em uma análise do romance *A Cor Púrpura*, de Alice Walker, mais especificamente da resistência e reexistência da mulher preta representada pela trajetória da protagonista e da sua escrita. Trata-se de dois processos concomitantes: viver e escrever; ambos inacabados e em construção, os quais são a base para compreender-se melhor a importância da palavra para a mulher preta ontem e hoje. Esta pesquisa terá como base teórica pesquisadoras acerca do feminismo negro como Davis (1985), Ribeiro (2017) como suporte para análise direcionada, principalmente, às cartas escritas pela protagonista e endereçadas a Deus. A obra traz uma reflexão sobre o ato de escrever que na obra literária supracitada trata-se de um propulsor de uma revolução pessoal que se estende ao coletivo dentro e fora da literatura. A escrita é a ferramenta principal que a protagonista utiliza, mesmo que inconscientemente, para suportar todos os tipos de violências sofridas por personagens masculinos, e as cartas escritas para Deus são o seu refúgio e fortaleza ainda que inconscientemente.

**Palavras-Chave:** 1. Literatura 2. Resistência 3. Escrita.

**Abstract:** Based on language, society and interaction, this study consists of an analysis of the novel *A Cor Púrpura*, de Alice Walker, more specifically the resistance and re-existence of the black woman represented by the protagonist's trajectory and her writing. These are two concomitant processes: living and writing; both unfinished and under construction, which are the basis for better understanding the importance of the word for black women yesterday and today. This research will have as its theoretical basis researchers on black feminism such as Davis (1985), Kilomba (2019), Ribeiro (2017) as support for analysis directed, mainly, to the letters written by the protagonist and addressed to God. The work brings a reflection on how the act of writing can be a driver of a personal revolution that extends to the collective inside and outside of literature.

### Considerações iniciais

231

A presente pesquisa tem o objetivo de elucidar a importância da escrita de si como manifesto de resistência, ou seja, escolhendo como ponto de partida o romance *A Cor Púrpura*, de Alice Walker. Mediante o exposto, vivemos em sociedade e a importância do feminismo negro inclui discussões em relação ao lugar de fala que temos enquanto indivíduos, pesquisadores brancos (as). Ressaltando o reconhecimento dos diferentes contextos sociais, diversos privilégios e o principal fator, que são as diferentes estruturas das relações sociais. Djamila Ribeiro (2017) expõe que, a confusão comum entre lugar de fala e representatividade é um equívoco frequente. Todos, independentemente de sua posição social, podem contribuir para a compreensão das experiências alheias, mas a responsabilidade pessoal não deve ser ignorada na discussão. Nesse sentido, é mister esclarecer a compreensão dos lugares de onde partem as vivências e construções intelectuais destes pesquisadores. Sabe-se ser de suma importância a luta constante das mulheres negras e das suas pautas. Todavia, é no espaço de ouvintes (e aliados) da escrita feminina, negra e marcante de Alice Walker que aqui nos colocamos.

Neste artigo, será analisado o ato de escrever que mantém a personagem principal viva, reexistindo a todos os abusos e negligências sofridos ao longo do tempo. Em concordância Hall (2006), ao afirmar a importância da escrita feminina para a sociedade e como essa escrita conceitua o indivíduo. Na segunda metade da segunda seção, aprofunda-se a análise das cartas escritas pela personagem principal e como escrever contribuiu para o início do seu renascimento. O romance de 1982, sob a ótica do feminismo negro, citamos Morrison (1987) explicando o discurso da literatura negra, já Miskolci (2005) explica como as formas do patriarcado conseguem de fato diminuir a mulher de uma maneira muito sistêmica, citamos Audre Lorde (2019) que elucida sobre o poder da mulher em estar em pé de igualdade com os homens e isso se reflete na obra literária.

### Building the way

## “O caminho nunca foi feito com ouro / Trabalhamos e construímos isso por conta própria”<sup>1</sup>

232

Ao longo da história, as mulheres têm sido perpetuamente privadas de exercer a sua autonomia tendo a sua voz suprimida. Subjugadas e submetidas às perspectivas opressivas dos sistemas patriarcais, elas foram retratadas e definidas através de narrativas mitológicas, a fim de corresponder a identidades fantasiosas moldadas pelo olhar masculino. Esse processo deixou cicatrizes profundas no imaginário coletivo, limitando severamente suas possibilidades de exercerem suas liberdades.

No entanto, as opressões que resultaram no silenciamento e na construção de identidades míticas, alheias à percepção das próprias mulheres, não afetaram todas da mesma maneira. As desigualdades históricas de raça e classe geraram experiências distintas, especialmente para as mulheres negras.

Enquanto mulheres brancas ignoram seu privilégio natural de brancura e definem a mulher apenas em termos de sua própria experiência, as mulheres de cor se tornam outras”, as forasteiras cuja experiência e tradição são “exóticas” demais para se entender. Um exemplo disso é a ausência marcante da experiência de mulheres de cor como material em estudos sobre mulher (Lorde, 2019, p. 242).

Lorde (2019) aponta para um problema mais amplo na sociedade em geral, onde as vozes e as experiências das mulheres de cor muitas vezes são negligenciadas ou sub-representadas. Isso tem implicações sociais significativas, como em áreas da pesquisa acadêmica e os estudos sobre mulheres, onde as perspectivas e os relatos das mulheres de cor frequentemente não são devidamente incorporados. A autora supracitada destaca a importância de reconhecer o viés racial e a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e interseccional nos estudos de gênero e nas pesquisas feministas. É um lembrete de que a diversidade de experiências das mulheres deve ser levada em consideração e valorizada para alcançar uma compreensão mais completa e precisa das questões de gênero e raça na sociedade.

---

<sup>1</sup> Verso da canção *Be alive*, composta por Beyoncé Giselle Knowles-Carter e Darius Scott Dixson, em 2021, como parte da trilha sonora do filme *King Richard*. Tradução livre, *The path was never paved with gold We worked and built this on our own*.

### Building the way

233

A filósofa Ângela Davis, em sua seminal obra intitulada *Mulheres, Raça e Classe*, empreende uma análise perspicaz sobre a temática em questão. Davis meticulosamente explora o paradoxo vivenciado pelas mulheres negras no contexto da crescente ideologia de feminilidade do século XIX, que exaltava o papel das mulheres como mães protetoras, companheiras e donas de casa, destinadas a servir seus maridos. Para as mulheres negras, contudo, essa narrativa imposta pela sociedade era, para usar as palavras da autora, as mulheres negras eram praticamente anomalias (Davis, 2016, p. 29).

A narrativa supracitada, prevalecia predominantemente as mulheres negras, que haviam sido submetidas a décadas de trabalho inclemente durante o período da escravidão. Esta condição persistiu mesmo após a abolição da escravidão, uma vez que a sociedade se recusava a proporcionar alternativas viáveis para a subsistência das mulheres negras em um ambiente profundamente marcado pelo racismo e pelo sexismo sistêmico.

Esse contexto específico, onde as mulheres negras se encontravam, revelou-se um espaço onde, mesmo diante da expansão do movimento feminista e de seus esforços para advogar pelos direitos das mulheres, a participação dessas mulheres foi frequentemente marcada por episódios de silenciamento. A predominância das mulheres brancas e a falta de empatia de grande parte delas frequentemente resultaram na incapacidade de reconhecer a extensão pela qual as principais agendas do movimento feminista da época negligenciavam as experiências e realidades das mulheres negras.

### **“Veja como temos lutado para nos mantermos vivos / Então quando venceremos, teremos orgulho”<sup>2</sup>**

A arte tem a função de salvaguardar, proteger nossa integridade, gerar alívio e bem-estar. Celie, parece encontrar tais benefícios ao escrever suas cartas que mais parecem diários pessoais que preservam suas confissões. Arte é a expressão de um movimento interno. À medida que a personagem movimenta seu interior, o

---

<sup>2</sup> Verso da canção *Be alive*, composta por Beyoncé Giselle Knowles-Carter e Darius Scott Dixson, em 2021, como parte da trilha sonora do filme *King Richard*. Tradução livre, *Look how we've been fighting to stay alive So when we win, we will have pride.*

### Building the way

exterior, incluindo a maneira como a sua escrita se apresenta, também é modificada. Nesse sentido, as cartas materializam tanto a resistência quanto a reexistência da sua autora. A inclusão das cartas na história estabelece uma conexão íntima entre o leitor e Celie, que compartilha seus diálogos com Deus. Embora sua escrita seja simples, repleta de variações gramaticais e características da oralidade, a protagonista revela-se uma personagem complexa e profundamente intensa.

234

As cartas no romance mostram a necessidade de se expressar, de externar sentimentos profundos, uma vez que a protagonista de fato não tem amigos e se sente sozinha na maior parte do tempo, pois as pessoas que moram na mesma casa que ela, não se comportam como uma família acolhedora. Para Bosi (2008), a maneira mais significativa de analisarmos a relação entre o excluído e a escrita consiste num processo específico:

Em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o pólo oposto: o excluído enquanto sujeito do processo simbólico. [...] pensar o excluído como agente virtual da escrita, quer literária, quer não literária. Como o excluído entra no circuito de uma cultura cuja forma privilegiada é a letra de fôrma? Rastreado os passos desse itinerário (isto é, de um desses itinerários), consigo ver melhor a zona de intersecção que se estende entre a situação de classe e a escrita. Nesse horizonte, atos de ler e de escrever podem converter-se em exercícios de educação para a cidadania (Bosi, 2008, p. 259 - 261).

A *Cor Púrpura* aborda a experiência das personagens quanto a sua restauração social, especialmente as mulheres negras no sul dos Estados Unidos, e examina como essas figuras femininas não são apenas objetos de opressão, mas também agentes ativos na construção de suas próprias narrativas e identidades. Assim, a perspectiva de entender o excluído como sujeito do processo simbólico encontra ressonância na maneira como Alice Walker dá voz a seus personagens. Através das cartas escritas por Celie e Nettie, o romance revela as vozes interiorizadas dessas mulheres que foram sistematicamente oprimidas e silenciadas. As cartas se tornam um espaço onde os tipos representados na narrativa em questão podem expressar seus pensamentos, emoções e experiências de uma forma autêntica e não mediada.

A relação entre a exclusão social e a escrita é evidente no desenvolvimento dos personagens. Celie, inicialmente, é semialfabetizada, no entanto, à medida que

### **Building the way**

ela torna-se fluente em leitura e escrita seu mundo se expande e ela começa a se empoderar. Sua capacidade de se comunicar por meio da escrita resgata a sua voz e um meio de resistência. A afirmação de Bosi (2008, , p. 261) de que “atos de ler e de escrever podem converter-se em exercícios de educação para a cidadania” é exemplificada na jornada de Celie. À medida que ela desenvolve suas habilidades de escrita, ela também cresce como indivíduo. Sua escrita não apenas ajuda a enfrentar os desafios pessoais, mas também contribuiu para o entendimento de sua própria força e dignidade como mulher negra. Essa transformação culmina em sua capacidade de se posicionar contra a opressão e o abuso, destacando como a literacia e a escrita podem tornarem-se instrumentos de empoderamento, resistência e construção de identidade.

Ao rememorarmos Bosi (2008), é importante observar que o uso da escrita nesse caso em específico usufrui da metalinguagem, mostrando as vulnerabilidades da protagonista por ela mesma, em primeira pessoa, sem um narrador ou uma segunda pessoa apresentando os seus sentimentos. Um exemplo disso, em uma de suas cartas para Deus, Celie tem um diálogo sensível com Shug diz:

Ele bate em mim quando você num tá aqui, eu falo. Quem? Ela fala. Albert? Sinhô, eu falo. Num posso acreditar, ela fala. Ela sentou no banco perto de mim com toda a força, como se tivesse caído. Por que ele bate em você? ela perguntou. Porque eu sou eu e não você” (Walker, 1982, p. 81-82).

Observando que Celie não se valoriza como deveria de fato, ela enxerga Shug, com os mesmos olhos que o Sinhô a enxerga, com muita admiração e por isso apenas aceita as agressões, pelo fato de não se achar admirável como Shug, o que em sua perspectiva é uma justificativa para ser agredida.

**“É por isso que levanto minha cabeça com orgulho / Agora estaremos sentados no topo do mundo de novo”<sup>3</sup>**

---

<sup>3</sup> Verso da canção Be alive, composta por Beyoncé Giselle Knowles-Carter e Darius Scott Dixson, em 2021, como parte da trilha sonora do filme King Richard. Tradução livre, That's why I lift my head with pride Now we're sitting on top of the world again.

### Building the way

Vale destacar a relevância do gênero epistolar uma vez que, no quinhentismo, as cartas documentavam o Brasil para Portugal para conhecerem como era o país, além disso, serviam como documentos de registro de posse. Por outro lado, esse gênero narrativo, como supracitado, era uma façanha entre pessoas escravizadas que já expunham suas injustiças e atrocidades vividas em tempos de escravidão, como também uma válvula de escape que dá um certo alívio a quem escreve esses relatos tão singelos e carregados de verdade e coragem. Toni Morrison relata sobre o gênero epistolar como algo recorrente na vida de pessoas pretas oprimidas por algum tipo de sistema segregador.

236

O discurso persuasivo da literatura negra remonta as suas origens às cartas narrativas, escritas pelos próprios escravos que contam os horrores e atrocidades da escravidão. Nos Estados Unidos, a publicação do livro *The Interesting Narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African, Written by Himself (1769)*, de *Olaudah Equiano*, deu início a uma série de várias publicações (autobiografias, lembranças, memórias) publicando-se mais de uma centena de obras desse gênero narrativo (Morrison, 1987, p. 103-4).

Desta maneira, o que se percebe ao apreciarmos a escrita das cartas ficcionais que compõem este romance é que a escrita comporta-se como um organismo vivo. Ao percebermos uma linguagem mais simples, fugindo do tradicional, a autora nos convida a entendermos não apenas as aflições de Celie, mas perceber também o sexismo e o racismo que a própria linguagem transporta. Com razão, Miskolci afirma:

As palavras não apenas expressam valores, mas os instituem. No caso das palavras que designam atributos humanos, elas não apenas os designam, mas os produzem de forma a fixar diferenças que, frequentemente, justificam desigualdades. O emprego de diminutivos, ao se referir a meninas e o de aumentativos com relação a meninos, reforçam o preconceito de que elas são menos expressivas ou importantes do que eles (Miskolci, 2005, p. 13).

Como citado anteriormente, as cartas, para a protagonista, servem para externalizar sua voz, pois não tinha ninguém para compartilhar seus anseios. Suas cartas destinadas a Deus e, posteriormente, para sua irmã, têm a finalidade de fazer o leitor compreender sua trajetória e seus relacionamentos com os demais personagens. Logo no início da obra, Celie é ameaçada pelo padrasto para encobrir

### Building the way

os abusos que ela sofria dizendo para “nunca contar pra ninguém, só pra Deus. Isso mataria sua mamãe” (Walker, 1982, p. 8). Desse modo, para que a vida de sua mãe seja protegida, ela silencia. Além da chantagem, porque a protagonista sente culpa em relação ao abuso sofrido, o que reforça a necessidade de escrever. Celie se sentia incorreta, pecadora, a ponto de não se achar digna de falar com Deus como fazia antes pois sentia-se nas palavras de Shug: “tão envergonhada que nem com Deus você conseguia falar a respeito” (Walker, 1982, p. 140).

E por não falar, optou por escrever como meio de reencontrar-se com Deus, ressignificar a sua vivência posto que ela “tinha que escrever, apesar de achar que você escrevia muito mal” (Walker, 1982, p. 140). Celie, em suas cartas, no momento da escrita sentia-se pertencente a algo, a um mundo seu. Assim sendo, constrói-se uma figura feminina que desafia as estruturas impostas e age de maneira contrária ao que se espera de uma mulher em suas condições. Em *A Cor Púrpura* destaca-se a resiliência e a determinação das mulheres negras em enfrentar as adversidades e redefinir seus papéis na sociedade, desafiando as normas restritivas e construindo uma identidade que vai além das limitações impostas.

Como é que a gente vai fazer? eu perguntei pra Shug. Ela falou. É simples. Nós tiramo as carta dos envelope, deixamo os envelope do jeitinho que eles tão. Eu num acho que ele olha muito essas coisa no fundo do baú, ela falou. Eu esquentei o fugão, botei a chaleira. A gente foi botando os envelope no vapor até que todas as carta tavam lá encima da mesa. Aí a gente botou os envelope de volta no fundo do baú (Walker, 1982, p. 133).

A indagação da protagonista para ter acesso às cartas de Nettie, interceptadas pelo marido, pode ser observada nesse trecho supracitado. A princípio parece uma indagação muito simples, porém, trata-se de um comportamento inesperado e disruptivo tendo em vista que quem o realiza era uma mulher habituada à opressão. A obra apresenta uma narrativa de justiça vindo da personagem principal, a vontade de saber o que realmente houve com a sua irmã (Nettie) a faz ter coragem para enfrentar seus medos, o tom do romance se modifica nesse momento, Celie agora tem pra quem de fato escrever e que pode ser lida (escutada) o que faz ter uma nova percepção de vida, que a faz principalmente enfrentar o Sinhô, que é o grande responsável por boa parte de seus sofrimentos. Essas atitudes corajosas são

### Building the way

fundamentais, pois o futuro de nossa sobrevivência depende da capacidade de nos relacionarmos em pé de igualdade. “Como mulheres, devemos erradicar os padrões internalizados de opressão se quisermos ultrapassar os aspectos mais superficiais da transformação social” (Lorde, 2019, p. 154).

Após toda a reviravolta da descoberta das cartas de Nettie, percebemos uma mudança na narrativa. É nesse momento que o leitor testemunhará a mudança íntima da personagem central materializada na palavra escrita. A protagonista ainda escreve cartas para Deus, mas agora com uma linguagem um pouco mais esperançosa, ainda está envergonhada e existe um sentimento de culpa, de responsabilidade em relação a todas as violências que a personagem sofreu. Porém o discurso de Celie é mais otimista e aos poucos ela vai decidindo qual rumo quer para sua vida, deixando para trás o seu “eu” que apenas sabia continuar viva. Como vemos no trecho a seguir:

Querido Deus, Agora que eu sei que a Nettie tá viva eu comecei a levantar um pouco minha cabeça. Eu pensei, Quando ela voltar pra casa a gente vai embora. Ela e eu e nossas duas criança. Como será que elas são, eu fico pensando. Mas é difícil pensar nelas. Eu sinto vergonha. Mais que amor, pra falar a verdade (Walker, 1982, p. 158).

A referência à personagem Nettie, é significativa porque destaca o papel fundamental das relações familiares na vida das mulheres negras. O desejo de reunir sua família perdida mostra a importância da conexão afetiva e do resgate da sua origem que foi subjugada pelas opressões sofridas ao longo do romance. Celie demonstra uma forma de resistência através da reconstrução da família e da reivindicação de sua própria humanidade e ancestralidade. Essa resistência explícita é reflexo da relação da personagem principal com Shug e Sofia, que de maneira significativa mostram para Celie como é ser uma mulher forte.

Percebe-se que a protagonista ganha uma motivação para ser feliz, sua irmã está viva e isso muda tudo em sua vida. Celie quer reencontrá-la após longos anos de dor e sofrimento e logo encontrará apoio de outras mulheres que vão entendê-la e ajudá-la. Deste modo, a carta é suporte de textos que confessam a essência da personagem, é o apoio em meio à solidão e, mais tarde, meio de comunicação efetivo entre Nettie e Celie. Transforma-se conforme a necessidade da interlocutora e, por isso, comprova a metamorfose de quem escreve. A personagem ainda segue com a

### Building the way

mesma narrativa, tem medo do que pode vir a acontecer mas ao mesmo tempo é encorajada através dos relatos de sua irmã Nettie. Celie, apesar de temerosa, decide ouvir os conselhos de Shug.

Querido Deus, É isso, a Shug falou. Arruma sua trouxa. Você vem comigo para o Tennessee. Mas eu me sinto tonta. Meu pai foi linchado. Minha mamãe era louca. Todos meus meio-irmão e irmã num são meus parente. Meus filho num são minha irmã nem meu irmão. O Pai num é o pai. Você deve tá dormindo (Walker, 1982, p. 188).

239

No trecho acima, percebemos que Shug empodera Celie não apenas com exemplos de suas inúmeras vivências como mulher negra e artista, mas também encoraja Celie a tomar as suas próprias decisões, a viver a sua vida como ela de fato quer viver, sem abusos, sem maus-tratos, sem ter que pedir permissão, sem precisar de nenhum homem. Assim, é possível notar a transformação da protagonista de dentro para fora. Espécie de resultado do processo interno e silencioso permeado pelo percurso da escrita epistolar da mulher cujas tragédias ressignificou. Sua primeira confidente e apoiadora é, portanto, a palavra escrita. Dijamila Ribeiro em sua obra *Quem tem medo do feminismo negro?* ressalta:

[...] o empoderamento sob essa perspectiva significa o comprometimento com a luta pela equidade. Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres (Ribeiro, 2018, p. 90).

Com essa mudança de percepção de mundo que Celie tem ao conviver com outras mulheres e começar a perder o medo de homens, neste trecho do livro percebemos que a personagem principal sente uma revolta, uma espécie de raiva a tudo que tem passado, esse sentimento toma conta da personagem que faz ressignificar a sua relação com Deus. A manifestação da emoção de raiva sugere uma mudança de atitude em contraste com a passividade previamente observada. A expressão dessa raiva em relação a Deus pode ser interpretada como um indício do desenvolvimento de uma autoimagem mais positiva, na qual a protagonista rejeita a noção de ser merecedora do sofrimento que a aflige e aspira à ajuda de Deus para alcançar uma qualidade de vida melhor. Em suas cartas, a protagonista relata:

### Building the way

O que que Deus fez por mim? perguntei. Ela falou, Celie! Como se tivesse ficado horrorizada. Ele deu a vida pra você, uma boa saúde, e uma boa mulher que ama você até a morte. É, eu falei, e ele me deu um pai linchado, uma mãe louca, um cachorro ordinário como padrasto e uma irmã queu na certa nunca mais vou ver. De todo jeito, eu falei, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outro homem queu conheço. Trapaceiro, esquecido e ordinário[...] Se ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir (Walker, 1982, p. 203-204).

240

Um fator relevante é que Celie com muitos detalhes escreve os momentos que vive com sua família, os diálogos são registrados nas suas cartas, mesmo remetendo para Deus, ou seja, na prática é um registro que tem uma ressignificação de resistência. Ao questionar Shug no trecho anterior, Celie explica tudo que já tem passado e por isso pensa daquela maneira, especialmente em relação a sua fé, seu relacionamento com Deus. A protagonista se sente silenciada até em relação a sua fé, como se Deus não a ouvisse por ser mulher e negra e essa sensação, esse sentimento gera uma frustração e um sentimento de raiva em relação a todo sofrimento vivido.

Contudo, a raiva é uma “emoção de desprazer que pode ser excessiva ou inapropriada, mas não necessariamente prejudicial. Ódio — hábito emocional ou disposição mental em que há a versão se une à agressividade. A raiva, quando usada, não destrói. O ódio, sim” (Lorde, 2019, p. 194). Logo, uma vez que Celie entende a sua situação de vida e sente de fato raiva por todo sofrimento, especialmente o que lhe foi causado pelo Sinhô, essa raiva não a prejudica, pois a protagonista no fim da obra perdoa o seu ex-marido e entende que tal sentimento é prejudicial apenas a ela. A protagonista, nesse momento, sente um turbilhão de sentimentos em relação a sua vida, e um desses sentimentos é a raiva, mas não ódio.

Eu sei que você me odeia por ter separado você da Nettie, ele falou. E agora ela tá morta. Mas eu num odeio ele, Nettie. E eu num acredito que você tá morta. Como você tá morta se eu inda sinto você? Talvez, como Deus, você se tornou uma coisa diferente com queu vou ter que falar de um jeito diferente. Mas você num tá morta pra mim, Nettie. E nunca vai tá. Tem vez quando eu fico cansada de falar sozinha queu falo com você. Eu até tento também chegar até nossas criança (Walker, 1982, p. 271-272).

### Building the way

Neste contexto, percebemos que a protagonista está redefinindo a sua conduta e seu lugar na narrativa dentro do romance, se conhecendo melhor e percebendo tudo que tem passado em sua vida sempre era culpa de algum homem e principalmente algum homem que deveria cuidar e protegê-la. Esse pensamento faz com que Celie questione sua relação com Deus e através das dores de outrora deduz que o “seu Deus” é um homem, por isso permitiu-lhe ter vivenciado tanto sofrimento.

241

Celie nos apresenta uma resistência silenciosa, mas que reverbera em suas palavras e relatos tão fortes e verdadeiros em suas cartas materializando-se, aos poucos, fora dela. Portanto, a resistência na obra se mostra como um fato nas cartas e com a sororidade das outras personagens que vão se apresentando ao longo do romance. Celie deseja reencontrar sua irmã e seus filhos e sabe que o Sinhô não vai permitir, uma vez que ele fez de tudo para elas nem se corresponderem, a personagem principal sabe que terá que lutar com todas as suas forças para viver sua vida sem abusos e negligências. A protagonista quer ser dona de si, e não apenas resiste, mas também passa a agir para que isso aconteça, conforme se percebe em: “eu falei... Vocês fizeram da minha vida um inferno na terra. E o seu pai aqui num vale o cocô de um cavalo morto. Sinhô levantou pra me dar um tapa. Eu avancei com a minha faca de mesa pra mão dele” (Walker, 1982, p. 211). Celie não tem mais medo do Sinhô. Celie anseia sua liberdade, ela apenas deseja sua autonomia, algo que ela nunca teve. A protagonista mostra força, mostra estar ciente de sua situação e traz consigo uma certeza, que não deseja mais viver a vida miserável que viveu durante todo esse tempo. Assim, a protagonista consegue buscar seu poder interior, sendo que, de acordo com Lorde:

Buscar o poder dentro de mim significa que devo estar disposta a atravessar o medo e partir rumo ao que há para além dele. Quando olho para os meus pontos mais vulneráveis e reconheço a dor que senti, consigo separar origem dessa dor dos arsenais dos meus inimigos. Portanto, minha história não pode ser usada para dar munição ao inimigo, e isso diminui o poder deles sobre mim. Nada que eu aceite de mim mesma pode ser usado contra mim, para me diminuir (Lorde, 2019, p. 188).

Celie se torna o que sempre quis ser, uma mulher feliz, antes de colocar em sua última carta as alegrias que tem vivido, ela endereça esse relato não apenas para Deus. Ao final da obra, a personagem principal cria uma metáfora: “Querido

### **Building the way**

Deus. Queridas estrela, queridas árvore, querido céu, querida gente. Querido tudo. Querido Deus,” (Walker, 1982, p. 297). Ao endereçar a carta para as estrelas, árvores, céu, gente, tudo e Deus novamente, transparece o desejo de espalhar a boa nova, as conquistas, a sua liberdade para todos e que todos também celebrem com ela. A protagonista se torna uma mulher independente, empoderada, bem-sucedida financeiramente e cercada por pessoas que a amam, percebendo-se de uma nova maneira.

242

A escrita emerge como uma forma de resistência que oferece um espaço íntimo para as mulheres negras articularem suas vivências interseccionais. Através das cartas, as barreiras impostas pela marginalização foram transcendidas, permitindo uma exploração mais profunda das opressões e uma expressão autêntica da identidade. A carta funciona, no romance, como uma ferramenta de comunicação íntima e direta, que desafia o silenciamento histórico das vozes femininas negras, numa época com menor abertura ao tema. As cartas em *A Cor Púrpura* permitem que Celie compartilhe suas histórias e vivências pessoais de forma poderosa. Ao narrar as dificuldades enfrentadas nas interseções de raça, gênero e classe, elas desafiam os estereótipos prejudiciais e desumanizantes. Essas narrativas pessoais servem como um ato de autodeterminação, permitindo que as mulheres negras afirmem sua existência e força em um mundo que tenta diminuí-las.

O gênero epistolar dentro do romance de Walker (1982) é uma ferramenta essencial na resistência feminina negra e na articulação da interseccionalidade. Através das cartas de Celie, a protagonista transcende a marginalização, cria narrativas de empoderamento e desafia a hegemonia opressiva. Essa prática literária oferece um espaço de autenticidade, permitindo que as vozes das mulheres pretas ecoem poderosamente ao longo do tempo. Reconhecer e celebrar a tradição de resistência por meio da escrita de cartas é essencial para construir um futuro mais igualitário e inclusivo.

É importante estudar a resistência, pois é a partir dela que o apagamento por completo do assunto em discussão não ocorre. Contudo, a mulher negra representada como forte e resistente pode reforçar um estereótipo de quem “aguenta o sofrimento”, sobrevive ao invés de viver. Mas é preciso lembrar que a resistência surge de uma necessidade: autopreservação. Por essa razão, entende-se como

### Building the way

fundamental o desenvolvimento da protagonista, cujas sequências apresentam ao leitor a reexistência de um ser feminino que não mais tolera a dor, mas a ultrapassa.

### **Considerações finais**

A resistência feminina negra tem sido uma força impulsionadora na luta contra as opressões históricas de raça, gênero e classe. Através da escrita de cartas, as mulheres negras encontraram uma voz empoderadora para expressar suas experiências únicas, criticar a hegemonia opressiva e construir narrativas de resistência interseccional, que é a lente pela qual entendemos as múltiplas camadas de opressão enfrentadas pelas mulheres negras. A marginalização em relação à raça, gênero e classe converge para criar uma experiência complexa e única. Através da interseccionalidade, as mulheres negras reconhecem a importância de abordar as opressões de forma interligada, desafiando as estruturas de poder hegemônicas.

Esta pesquisa busca refletir sobre a escrita de si através das cartas de Celie. Em *A cor Púrpura* a prática da escrita transcendeu a esfera das emoções, emergindo como o único recurso para manter uma presença constante mesmo quando fisicamente ausente. Por meio da composição de extensos registros escritos, funcionando como testemunho de seu tempo. A atuação da escrita se configura como um instrumento que proporciona um acesso imediato ao nosso “eu”, viabilizando a ordenação e a transmissão de sensações, pensamentos e emoções, transcendendo tanto as barreiras temporais, quanto espaciais. Enxergamos esse tipo de fonte de escrita pessoal como uma riqueza, capaz de facilitar o entendimento e/ou a compreensão dos acontecimentos sociais, culturais e políticos do romance.

O ato de escrever sobre si mesmo tem como finalidade primordial a expressão pessoal do “eu” que se torna visível. A narrativa discreta e cativante, por longo período submetida à análise e à apresentação ao mundo sob uma perspectiva predominantemente masculina, gradativamente começa a conquistar espaço. Isso ocorre de maneira cautelosa, superando os desafios de escassez de fontes, o silenciamento histórico e até mesmo a manipulação dos vestígios materiais associados a essas mulheres negras. A reflexão de Alice Walker se insere em um contexto marcado pela subjugação das mulheres negras e pela necessidade de dar voz à sua própria experiência. Nesse processo, a exposição de intensas adversidades

### Building the way

e a descoberta de sua própria resiliência são fatores cruciais que moldam o cenário narrativo. Esses elementos desempenham um papel fundamental no enredo do romance, contribuindo para o notável reconhecimento da escrita feminina.

Em última análise, as memórias, a tradição oral e as narrativas de vida dessa protagonista, que foi marginalizada, negligenciada e silenciada, revelam sua evolução ao longo do tempo, à medida que ela se apropriou de sua força interior. A escrita de si surge como uma ferramenta singular para uma autocompreensão, refletindo diretamente no seu lugar na sociedade e de sua posição no mundo, além de ajudar a superar os traumas decorrentes da violência de que Celie repetidamente foi vítima.

### REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CARTER, Beyoncé Giselle Knowles; DIXSON, Darius Scott. **Be alive**. 2021. Tradução livre.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MISKOLCI, Richard. Um corpo estranho na sala de aula. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter Roberto (Orgs.). **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papyrus, 2005.

MORRISON, Toni. The site of Memory. In: INSSER, William. **Inventing the Truth. The Art and Craft of Memoir**. Boston: Houghton Wiffin, 1987.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WALKER, Alice. **A cor púrpura**. Tradução de Peg Bodelson, Betúlia Machado e Maria José Silveira. São Paulo: Marco Zero, 1982.